

A Biblioteca Pública Menezes Pimentel e seus assíduos frequentadores

Raylane Marques Sousa - UFC
raylane_marques@hotmail.com
(85) 86393853

Eduardo Ferreira Chagas, Orientador - UFC
ef.chagas@uol.br
(85) 86447798

RESUMO

O enfoque deste artigo é mostrar como o leitor se relaciona com o livro e como a leitura participa da formação sociocultural do leitor. Com a ajuda de teóricos como Pierre Bourdieu e Roger Chartier, que fazem menção às práticas de leitura, tentarei traçar o perfil dos leitores que frequentaram assiduamente a Biblioteca Pública Menezes Pimentel durante o primeiro semestre do ano de 1930. Assim, por meio dos conceitos de leitura desenvolvido por esses teóricos, pretendo chegar ao conhecimento das inquietações que permeavam o presente desses leitores, as quais foram responsáveis por impulsionar a busca incessante de determinados tipos de temáticas, que mencionarei no decorrer do trabalho. Busco também entender o contexto histórico em que esses leitores estavam inseridos no momento de eleger tais obras e não outras.

Palavras-chave: Biblioteca-Livros-Leitura-Leitores.

SOMMAIRE

L'objectif de cet article est de montrer comment le lecteur concerne le livre et la lecture dans le cadre du lecteur socio-culturelle. Avec l'aide de théoriciens comme Pierre Bourdieu et Roger Chartier, qui se réfèrent à la pratique de la lecture, essayez de tracer le profil des lecteurs qui ont participé assidûment la Bibliothèque publique Menezes Pimentel pendant la première moitié de 1930. Ainsi, à travers les concepts de la lecture au point par ces théoriciens, j'ai l'intention de venir à la connaissance de l'inquiétude qui a régné dans le don de ces lecteurs, qui sont responsables de la conduite de la poursuite incessante de certains types de thèmes, je citerai dans ce travail. Nous cherchons aussi à comprendre le contexte historique dans lequel ces lecteurs ont été insérés au moment de l'élection de ces travaux et pas d'autres.

Mots-clés: Bibliothèque-lecteurs-Lecture de livres

INTRODUÇÃO

O presente artigo nasceu a partir de uma pesquisa empírica realizada com o Jornal do Comércio, o qual está disposto na Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Segundo o historiador Michel de Certeau, em um artigo intitulado *A Operação historiográfica*, o historiador no ato da pesquisa debruça-se sobre seu objeto de estudo, seleciona dados e reúne-os para, após esse processo, transformá-los em documento. E como diz também Hobsbawm, “não existe material algum até que nossas perguntas o tenham revelado”, e de fato, sem esse diálogo constante entre o historiador e suas fontes a pesquisa não pode existir. Foi nessa linha de raciocínio que esta pesquisa foi elaborada. Trata-se da lista de frequência da Biblioteca Pública Menezes Pimentel durante o primeiro semestre do ano de 1930. Durante a gestação da pesquisa, o autor e obras mais solicitados foi José de Alencar com suas obras *Iracema*, *Ubirajara*, *O Gaúcho*, *O Sertanejo*. Embora as obras do literato José de Alencar tenham contribuído efetivamente para a composição de visões diversas sobre o presente vivenciado por esses frequentadores, não é de minha alçada a análise

crítica do conteúdo dessas obras. O que pretendo entender é o porquê da eleição de tais obras durante esse ano e a contribuição que elas tiveram na formação intelectual do seu público leitor. Para isto, usarei como esteio os autores Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Jean-Paul Sartre, onde estes teóricos cuidarão de explicar qual a relação do leitor com o livro e como as leituras são produtoras de sentidos.

1. DISCUSSÃO TEÓRICA

O leitor ao comprometer-se com uma leitura qualquer corre o risco de suas experiências livrescas pessoais confundir-se com os acontecimentos reais. Vejamos o que diz Jean-Paul Sartre a este respeito:

“Foi nos livros que encontrei o universo: assimilado, classificado, rotulado, pensado e ainda temível; confundi a desordem de minhas experiências livrescas com o curso aventuroso dos acontecimentos reais”.¹

Esta mesma ideia é pensada por Roger Chartier só que sob uma nova roupagem quando este diz existir o mundo do livro e o mundo do leitor. Compreendamos as experiências livrescas como inscritas no mundo do livro e os acontecimentos reais, o mundo que circunscreve o leitor. Ambos os mundos podem trocar experiências e o canal pelo qual essa troca é possível é o próprio leitor. Para entendermos essa troca é necessário antes de tudo compreendermos que toda leitura não é ingênua. Para que o leitor sintasse despertado a ler um livro é porque antes disso ele já realizou ligações com algo exterior a ele; ele já tem em mente outras leituras que servirão como referencial, as quais passarão a balizar suas novas leituras. Leiamos o que diz Jean Marie Goulemot:

“O livro lido ganha seu sentido daquilo que foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido”.²

¹ SARTRE, Jean-Paul. As Palavras. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Pag.38.

² GOULEMOT, Jean Marie. IN: Práticas de Leituras. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Pag.115.

O que estou tentando dizer é que a vontade de ler uma obra nasce a partir das inquietações do presente de cada leitor. As leituras não são escolhidas arbitrariamente. O presente vivenciado por cada leitor condiciona suas leituras e os fazem buscar nelas as respostas, as soluções para as suas inquietações. Portanto, o mundo do livro e o mundo do leitor estão em constante interlocução.

Se buscarmos rastrear cuidadosamente o caminho palmilhado pelos leitores de José de Alencar perceberemos que a leitura é uma trama composta por fios extremamente elaborados entre si, onde não é possível determinar começo tampouco o fim. Contudo, os rastros deixados no percurso desses andarilhos nos permitem conhecer o porquê da eleição de tais obras. O momento histórico vivenciado por esses leitores também não amalha informações. Nesse ínterim, o Brasil está passando por um momento de formulação de identidade. A preocupação em definir qual é a identidade do Brasil é de ordem nacional, portanto o Ceará não estará às margens desse processo. Os escritores, bem como os leitores, estarão engajados em busca da solução do problema que inquieta todo o país.

No Ceará, a Biblioteca Pública servirá como oficina disponibilizando ferramentas, as quais estarão empenhadas na produção de novas visões sobre as questões impostas pelo presente, à medida que esta facilitará aos seus leitores o acesso aos livros.

José de Alencar, ao compor suas obras, estará extremamente preocupado com questões que envolvem a figura do índio, do negro, do branco. São temáticas muito em voga nesse momento. Ler José de Alencar pressupõe que o leitor estará em sintonia com essas temáticas e que as tais fazem parte do rol de preocupações que os inquieta.

Em meio a essa seminal problemática é fundamental pensarmos a aproximação do autor José de Alencar com os leitores de suas obras. Pierre Bourdieu trará uma discussão já antiga da tradição medieval onde opunha o leitor, que comenta o discurso já estabelecido, e o autor, que produz um novo discurso. É interessante revisarmos essa tradição porque ela não se aplica ao literato José de Alencar tampouco aos leitores de suas obras. Pierre Bourdieu diz:

“Nossa leitura é a leitura de um letrado, de um leitor, que lê um leitor, um letrado. E, portanto, há uma grande probabilidade de que tomemos como evidente tudo que esse letrado tomava como evidente, a menos que se faça uma crítica epistemológica e sociológica da leitura”.³

³ BOURDIEU, Pierre. *Leitura, leitores, letrados, literatura*, IN: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, 2004. 340p.

O que podemos inferir por meio desta citação e que se aplica a José de Alencar é que a temática abordada em suas obras não é nova, portanto é produto de suas experiências livrescas, trocando em miúdos, José de Alencar, autor, leu obras de outros autores que, por sua vez, leram outros autores e assim segue. O que concluo é que ele não produziu um novo discurso e que seus leitores não fizeram simplesmente o comentário de um discurso já estabelecido. Assim como José de Alencar assumiu primeiro a forma de leitor para em seguida assumir a forma de autor, o mesmo aconteceu com seus leitores. O leitor primeiro assumiu a forma de leitor para em seguida assumir forma de autor. O autor que falo aqui é em relação à produção de sentidos por meio das leituras. O autor e o leitor se aproximam pelo fato de ambos lerem, ambos serem produtores de visões diversas e ambos preocuparem-se com as mesmas questões. A diferença entre ambos é que uns conseguiram publicar suas visões, outros não. O que quero dizer é que todos, tanto autores como leitores, estão envolvidos em uma “circularidade cultural”, célebre frase de Bakhtine.

Para entendermos com maior clareza o que foi exposto é necessário compreendermos o que significa ler e qual o conceito de leitura para Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Jean-Paul Sartre, os autores com os quais dialogo.

Pierre Bourdieu explica o que significa ler a partir de uma crítica direcionada aos filólogos. Segundo ele, os filólogos estudam a língua como língua morta esquecendo-se que as palavras são vivas e dinâmicas, portanto são portadoras de sentidos. No caso do “leitor crítico”, expressão que aparece constantemente nos escritos de Bourdieu, o sentido das palavras são considerados. Para Bourdieu, “ler é um jogo de reinterpretações, que não é inteiramente livre” (BORDIEU, 2004, pág. 145). O “leitor crítico”, ao ler um livro, está reinterpretando-o de acordo com suas as implicações culturais, daí a reinterpretação não ser um processo autônomo.

Roger Chartier, por sua vez, explica o que significa ler a partir de duas críticas direcionadas não aos filólogos como fez Bourdieu, mas sim a uma recente sociologia histórica da cultura, que associa de maneira rígida as produções culturais a grupos sociais determinados, e a tradicional leitura que lê os textos ignorando seus suportes.

Segundo o autor, a sociologia histórica da cultura deve ser criticada porque essa vertente caracteriza culturalmente os grupos sociais e socialmente os produtos culturais, alegando que cada grupo social tem suas próprias produções (livros, impressos), o que a faz ignorar a fluidez da circulação das leituras entre as classes sociais. Roger Chartier preocupa-se em destacar a importância do conceito de “apropriação” para entendermos a

composição da visão de mundo dos leitores. Para ele, tanto o leitor erudito quanto o leitor comum, os quais pertencem a classes sociais distintas, podem chegar a ler os mesmos livros, porém, a conjuntura social em que estão inseridos, condicionará os tipos de interpretação. Para Roger Chartier, existe interlocução entre as classes distintas no que tange a leitura. Um exemplo clássico, e que ilustra bem o que Roger diz, está na obra *O Queijo e os Vermes* de Carlo Ginzburg, onde um simples moleiro de Friuli, uma cidade situada no interior da Itália, teve acesso a diversos tipos de leituras. Quer dizer, as fronteiras que existiam entre o leitor erudito e o leitor comum, nesse momento, foram ultrapassadas. A conjuntura social e cultural em que Menocchio estava inserido não foi empecilho para que ele tivesse acesso a tais livros. Contudo, a “apropriação” que este fez de tais obras é que foi distinta.

A partir dessa crítica, a qual Chartier faz alusão, é que ele define o que é ler. Para ele, ler é uma prática criadora, inventiva, produtora, que não se pode anulá-la no texto lido e que vai além dessa concepção dicotômica que distingue a produção (livros, impressos) de acordo com os grupos sociais, proposto pela sociologia histórica cultural.

Por meio dessa prática criadora, inventiva, produtora, que Roger nos apresenta, entendemos a polissemia da palavra ler. Não desconsiderar a pluralidade de sentidos que essa palavra abarca é o desafio dos teóricos que venho dialogando. Daí é de fundamental importância não ignorarmos os suportes em que os textos foram produzidos. Essa é a segunda crítica de Roger Chartier.

Segundo Roger Chartier, se ignorarmos os suportes, os sustentáculos sobre os quais os textos se assentam, estaremos amputando essa prática inventiva, criadora, que o texto nos dispõe. Ler sem levar em consideração a materialidade do objeto, ou seja, o meio pelo qual ele chegou até nós, não é muito prazeroso.

Os suportes em que os textos se assentam tendem a produzir um “leitor ideal” e não um “leitor real”, daí a importância de saber quais são esses suportes.

Um autor qualquer ao produzir um livro imagina antecipadamente como sua obra deve ser recepcionada por seu público leitor. É o que Roger Chartier vai chamar de “leitor ideal”. O “leitor ideal” é uma produção do autor e da imprensa. No texto produzido, o autor dissemina elementos que direcionam a compreensão correta do que se está lendo, são as senhas mágicas ou, como disse Chartier, os protocolos de leitura. Em contraposição ao “leitor ideal” existe o “leitor real”. O “leitor real”, também expressão de Chartier, é o leitor

que está situado historicamente, portanto as conjunturas socioculturais determinam sua forma de interpretar o mundo.

“Protocolos de leitura”, “leitor ideal”, “leitor real”, “senhas mágicas”, “apropriação”, “representação”, são assuntos pertinentes à história de leitura e, portanto, merecem sair da superficialidade com que venho tratando-os.

Segundo Chartier, o “leitor ideal” é uma fabricação prévia do autor. Geralmente, essa fabricação ignora o leitor enquanto agente produtor de visões. Nesse momento, o leitor é desprovido de sua ação e já vai ao livro com conclusões pré-determinadas. Contudo, o “leitor real” aparece. Ele não pode ser desprovido de seu poder de ação, pois este não é uma fabricação do autor, mas sim da conjuntura sociocultural em que está inserido.

O “leitor real” apropria-se do livro e não se deixa apropriar-se pelo mesmo. A sua forma de entender o mundo, de representá-lo vem de sua condição real, daí a importância do leitor estar situado historicamente. Ele vai ao livro inquietado pelas condições reais, portanto as leituras são respostas as suas indagações do presente. Para ele, as “senhas mágicas” e os “protocolos de leitura” são burlados a partir do momento que o “leitor ideal” se defronta com o “leitor real”. O “leitor real” não permitirá que o “leitor ideal” se sobressaia, pois o “leitor real” é um leitor consciente, e o “leitor ideal”, inconsciente.

Toda essa discussão é para chegarmos ao conceito de leitura segundo Roger Chartier. Qual seja: “ler é uma prática criadora, inventiva e produtora” (CHARTIER, 1996, pág.78). Portanto, somente o “leitor real”, que burla os “protocolos de leitura” e as “senhas mágicas”, é que pode apropriar-se do livro e, a partir daí, fazer sua representação do mundo.

Só nos resta saber qual o conceito de leitura segundo Jean-Paul Sartre. Para Sartre, ler significa exilar-se. O exílio que Sartre fala é quem o possibilita ouvir a voz cantante das palavras e assim decodifica-la. Ler, segundo Sartre, significa decodificar. É um processo em que o leitor ativo se depara com o texto e busca compreendê-lo. Para ele, as palavras são oráculos, enigmas, por isso, cada leitor as interpreta como quer, porém cabe aos leitores interpretá-las corretamente para que o sentido do texto não seja negado.

De acordo com o conceito de leitura desses três teóricos fica evidente como a palavra ler possui vários sentidos e que é necessário entendermos o conceito para avançarmos na prática. Ler é deslocar-se. É avançar num campo desconhecido em busca de respostas. Ler é antes de tudo uma prática.

1.2 O LEITOR E A BIBLIOTECA

É fundamental pensarmos a relação leitor-biblioteca, uma vez que é no espaço da biblioteca que o leitor também adquire sua formação. Segundo Goulemot, autor que já citei cujo artigo está no livro *Práticas da Leitura* organizado por Roger Chartier, “o leitor define-se por uma fisiologia, uma história e uma biblioteca” (CHARTIER, 1996, pág. 108). Quando Goulemot fala de fisiologia este se refere às formas as quais o leitor utiliza para melhor ler um texto que pode ser deitado, sentado, em pé; quando este fala de história está se referindo às leituras que são historicamente datadas; quando este fala de biblioteca está se referindo aos espaços que possibilitam a produção de conhecimento.

As formas de ler um texto são diversas e são, por vezes, determinadas pelo espaço em que o leitor está inserido.

A biblioteca é um desses espaços que determina como o leitor deve se comportar para que o conhecimento seja apreendido de forma correta. Desta forma, a leitura é condicionada pelas normas que regem a instituição. Se na biblioteca a norma diz que os leitores devem ler em silêncio, o leitor deve se adequar a tal norma, caso contrário, entrará em conflito com a instituição. As normas não são instituídas arbitrariamente. Existe um sentido histórico que nos permite compreendê-las.

Se historicizarmos como se deu a imposição da leitura silenciosa, somente com os olhos, em contraposição a leitura oralizada, em alta voz, podemos entender como tal norma foi instituída.

Durante o século XVIII na Alemanha e na Nova Inglaterra durante o século XIX, a leitura assumirá uma nova forma entre os leitores. Antes os textos eram lidos em voz alta, geralmente se tratavam de textos de cunho religioso, e eram lidos para toda a família. Depois, com o advento do impresso, as leituras dos textos foram tomando novas configurações. A partir desse momento, as leituras serão laicizadas e intensivas, porque até então eram religiosas e extensivas, pelo fato da maioria não possuir a posse privada dos livros. Com o advento da imprensa o livro passará a circular com maior frequência entre os leitores comuns e os restritos leitores eruditos. Devido a essa disseminação de impressos a posse privada de livros será facilitada, o que culminará com a imposição de novas posturas diante das leituras. Elas serão mais intensivas, mais silenciosas, mais individuais; em

contraposição as práticas anteriores em os livros eram lidos extensivamente, em voz alta e coletivamente. Essa dinâmica que distingue o público do privado influenciará muito as práticas de leituras.

A relação do leitor, como um ser privado com a biblioteca, como um espaço público, será múltipla, variável e vai depender da experiência de cada um. Vejamos como se deu a experiência de Jean-Paul Sartre:

“Nunca esgaravatei a terra nem farejei ninhos, não herborizei nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade. Eu me lançava a incríveis aventuras: era preciso escalar as cadeiras, as mesas, com o risco de provocar avalanches que me teriam sepultado. As obras da prateleira superior ficaram por muito tempo fora do meu alcance; outras, mal as descobri, me foram arrebatadas das mãos; outras, ainda, escondiam-se: eu as apanhara um dia, começava a lê-las, acreditava tê-las repostas no lugar, mas levava uma semana para reencontrá-las; outras, não encontrava mais”.⁴

A partir deste excerto que mostra como se deu a relação de Sartre com a biblioteca podemos concluir que as experiências são múltiplas e depende muito de como o leitor se relaciona com os livros. No caso de Sartre, o qual usei como exemplo, os livros eram seu refúgio, seu deleite, em consequência disso a biblioteca era um lugar de aconchego em que ele podia vivenciar muitas aventuras tal como estava descrito nos livros que ele folheava.

Para Sartre, a biblioteca era vista como um templo e os livros tinham uma função sagrada de ensinar, conduzir, guiar o leitor pelo caminho certo.

A relação leitor-biblioteca difere quando nos referimos à Biblioteca Azul. Esta biblioteca, criada durante o século XVI pelos editores de Troyes, possuía um público específico, tido como popular e rural, e os textos eram editados por um preço mais acessível para que chegasse ao público mais popular. A cor das capas dos textos era azul, daí o nome da biblioteca.

A biblioteca pode formar o tipo de leitor que ela quer receber e isso se descobre a partir dos livros que esta disponibiliza para a consulta. No caso da Biblioteca azul, “os textos estavam divididos entre ficção cômica, conhecimentos úteis e exercício de devoção” (CHARTIER, 1996, pág.99). Então, o público que ela visava atender é o que se interessa

⁴ SARTRE, Jean-Paul. As Palavras. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Pág. 37.

por tais assuntos. A partir daí forma-se uma comunidade de leitores interessados pelas mesmas leituras.

No caso da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, a qual estou estudando, a comunidade de leitores que esta cuidará em formar é os que leem as obras de José de Alencar, literato cearense. O perfil desta comunidade pode ser traçado a partir dos livros que foram lidos durante o primeiro semestre do ano 1930. A maioria eram livros de José de Alencar com temáticas relacionadas à questão nacional. Quem compunha esta comunidade eram discentes, docentes, militares, pessoas comuns, todos engajados na produção de uma identidade para o Brasil.

1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta incipiente pesquisa pudemos concluir que o leitor possui uma configuração dada pelo tempo e pelo espaço em que ele está inserido. À medida que o tempo avança, as práticas de leituras vão tomando novas formas. Um perduraram, outras ficaram circunscritas a determinados contextos históricos, mas temos por certo que há um avanço na maneira como o leitor lida com o livro.

Deitado, sentado, em pé, em silêncio, em voz alta, são formas que o leitor se utiliza para ler um livro. A leitura é uma prática que movimenta todo o corpo. Que faz com que o leitor assíduo crie hábitos que facilitem sua melhor apreensão do conteúdo.

É interessante historicizarmos como se dá a relação do leitor com o livro e com a biblioteca porque esta relação perpassa os dias atuais. O leitor vai ao livro em busca de respostas para os problemas vigentes e, algumas vezes, se vê obrigado a despedir-se do livro pelo fato de não encontrar neles soluções imediatas. No caso da comunidade de leitores das obras de José de Alencar, o problema que a inquietara é tão atual quanto foi no século pretérito. Discutir sobre a formação de uma identidade para o Brasil é um problema que envolve todos os níveis da sociedade até os dias de hoje. Então, a busca por livros que retrate esse assunto continua. As identidades são móveis, fluidas, portanto, este assunto é inesgotável. Sempre terá autores e leitores preocupados com tal temática.

FONTE:

Jornal do Comércio. Ano: 1930.

BIBLIOGRAFIA:

BOURDIEU, Pierre. **Leitura, leitores, letrados, literatura.** In: Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica.** In: **História: novos problemas.** NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques. (organizadores). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 3V

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura.** Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 268p.

_____. **O Mundo como representação.** Revista de Estudos Avançados. Estud. Avanç. Vol. 5. N° 11. São Paulo. Jan- apr. 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Cia das Letras, 1998. 309p.

HOBSBAWM, E. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras.** Tradução de J.Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 183p.

